

Nota de abertura

(testemunho de um leitor de Camilo)¹

Mário Barroca
Subdiretor da FLUP

O subtítulo desta Jornada é «Convite às novas gerações». E é bom que esse seja o nosso desígnio. Porque qualquer iniciativa que pretenda assinalar os duzentos anos do nascimento de Camilo deve ter em mente trazer novos leitores para a obra do Escritor de Seide. E é bom que os mais novos descubram Camilo. Não me interessa discutir se o maior prosador português foi Camilo, se Eça, se qualquer outro. Até porque o meu ponto de vista é absolutamente diletante e amador, de quem lê por prazer, sem outras preocupações e, portanto, sem qualquer valor científico. Admirando ambos, eu diria que Eça foi um excelente prosador, um dos nossos maiores, mas que a linguagem de Camilo, o seu léxico, me parece incomensuravelmente mais rico que o do Autor de Tormes. Poderíamos dizer que Eça foi um escritor urbano e cosmopolita. E que Camilo foi mais rural e nortenho. Mas certamente que estaríamos a ser injustos, para um e para outro. E, se ambos desenvolveram um finíssimo sentido de humor, o de Camilo talvez consiga suplantar o de Eça. Por isso, é bom que, a pretexto do duplo centenário do seu nascimento, as novas gerações redescubram Camilo. É também para isso que estas comemorações servem.

Camilo foi autor de uma obra absolutamente extraordinária – fala-se em mais de 260 títulos (repartidos por mais de uma centena de livros), o que dá um ritmo de mais de seis por ano durante a sua vida activa (uma vez que a primeira obra, *Anátema*, saiu dos prelos em 1851, e o seu suicídio teve lugar a 1 de junho de 1890). As Obras de Camilo, editadas pela Parceria A. M. Pereira (cuja mais recente reedição julgo ter sido a dirigida por Jacinto do Prado Coelho, entre 1969 e 1979), apresentam 80 volumes (oito dos quais não chegaram a ser editados), alguns encerrando mais do que uma obra no mesmo tomo. A quase totalidade da sua prolixa produção literária corresponde à fase em que Camilo esteve com Ana Plácido, a sua paixão definitiva (que esteve longe de ser a única...), e com quem se casaria no final da sua vida, em 1888, depois de viverem juntos mais de 25 anos em “união de facto”, como hoje se diz.

A prolixidade de Camilo fica bem ilustrada se pensarmos que, em 1861 e 1862, publicou nada menos que dez títulos: *O Morgado de Fafe em Lisboa* (1861), *Doze*

Casamentos Felizes (1861), *O Romance de um Homem Rico* (1861), *As Três Irmãs* (1862), *Amor de Perdição* (1862), *Memórias do Cárcere* (1862), *Coisas Espantosas* (1862), *Coração, Cabeça e Estômago* (1862), *Estrelas Funestas* (1862) e *Cenas Contemporâneas* (1862).

Todos temos bem presente a sua imagem de homem maduro, já na velhice, com o seu *pinçe-nez* de lentes ovais e um farto bigode... Um escritor com um aspecto sisudo. Mas Camilo manteve sempre uma veia irreverente e um enorme sentido de humor, que não deixarão de cativar os novos leitores.

A pretexto do duplo centenário, ando a ler Camilo. E não resisto a deixar aqui algumas passagens das *Cenas da Foz*, o livro que me ocupa no presente. Foi escrito em 1857, quatro anos antes da sua obra prima *Amor de Perdição* (editada em 1862 mas escrita em 1861, tal como *O Romance de um Homem Rico* – o preferido de Camilo – e parte dos *Doze casamentos felizes*, quando Camilo estava preso na Cadeia da Relação, no Porto, onde permaneceu entre 1 de outubro de 1860 e 16 de outubro de 1861).

As *Cenas da Foz*, que encerra dois contos (“A Sorte em Preto” e “O Dinheiro”), foram redigidas em Arga de S. João, na Serra da Arga, a norte de Viana do Castelo, e publicadas em folhetins na *Aurora do Lima*. Encerram passagens absolutamente extraordinárias, que ajudam a compreender o humor de Camilo. Apesar de escrito em 1857, o romance passa-se, supostamente, em 1826. Camilo não resiste a colocar na boca de João Júnior, o suposto narrador, algumas passagens que denunciam o seu finíssimo sentido de humor, como quando João Júnior se vira para o seu amigo, Bento de Castro, e proclama:

A questão é *To Be or Not To Be*: ser ou não ser amado. Sirvo-me deste fragmento de Shakespeare, porque não está ainda estafado pelos folhetinistas.

- Folhetinistas! Que são folhetinistas? [pergunta Bento de Castro a João Júnior]

- Folhetinistas são uns pataratas que hão-de vir daqui a vinte anos, trazidos em uma nuvem de gazetas. Ainda a tresandar ao fartum dos cueiros, virão para a imprensa com seu cabedal de erudição empalmado nos romances de certo Dumas, que tem hoje quinze anos,² e será então o primeiro corruptor da literatura em França. [...] Ora, pois, fica tu sabendo que os folhetinistas serão...

- Não me importa saber o que serão os folhetinistas [diz Bento de Castro], o que eu quero é saber o que serei de hoje a vinte anos.

- Serás folhetinista, visto que te não vejo com habilitações para seres cousa alguma. (*Cenas da Foz*: 20-21)

Camilo brinca constantemente com a sua condição de escritor, interpelando directamente o leitor:

O capítulo seguinte não sei se terei a coragem de escrevê-lo! Vou ler algumas das *Confissões* de J. J. Rousseau para me animar. (*Cenas da Foz*: 57) [diz João Júnior, aka Camilo Castelo Branco]

Ou

O leitor pode passar em claro este capítulo XVIII, que não diz nada importante. O que vem é decerto o melhor de todos. (*Cenas da Foz*: 113) [proclama, mas no final do capítulo XVIII, ou seja, depois do leitor ter passado os seus olhos pela prosa do Escritor...]

Ou

Não tarda, leitor pio, leitor indulgente, leitor benevolo, leitor honesto que paga, leitor honrado que não lê de empréstimo, não tarda aí uma enfiada de lances estupendos, que lhe arranquem interjeições de pasmo, e lhe afavorem o desejo de abraçar o autor. (*Cenas da Foz*: 80)

Ou

O leitor, se continua a ler-me, dá-me provas tão vivas da sua munificência, tolerância, e magnanimidade, que eu faltaria aos meus mais sagrados deveres se, depois desta história, lhe não contasse outra muito bonita, em que o herói do romance, depois de amaldiçoar a sociedade que o não compreende, tem o descoco de fazer-se eleger deputado e brilha numa comissão encarregada de legislar para a importação dos cereais e a exportação dos bois! Isso é que há-de ser um romance! (*Cenas da Foz*: 86)

Por fim, e para terminar, não resisto a transcrever uma derradeira passagem de Camilo:

O homem, enquanto a mim, é um pedaço de asno! A última palavra da ciência acabo eu de proferi-la agora.

Eu tenho lido tudo quanto está escrito a respeito do homem, e, senão fosse o pequeno embaraço de me esquecer tudo o que li, tencionava esplanar, com método e arranjo científico neste capítulo, verdades eternas de que ninguém faz caso, por isso que são eternas, e tudo que é eterno não quadra ao nosso gosto volúvel, irrequieto e caprichoso.

O homem, na minha opinião, é um cabide, e nada mais. O que a mão da boa ou má fortuna dependura nele é que distingue a criatura de Deus entre os seus irmãos. Não há substância de homem: há só forma de homem. Ora a forma está no involucro, desde os andrajos inçados de herpes até aos arminhos recamados de brilhantes.

Aí fica debique para os filósofos. As grandes ideias encubam cinquenta anos, disse Napoleão. Em 1907 a minha ideia estará na consciência da posteridade.

Quando se perguntar o que é o homem, responder-se-à: é um cabide. (*Cenas da Foz*: 98-99)

E é tudo. Como diria Camilo, se ainda aqui estão a ouvir-me é porque o que vem a seguir é muito mais empolgante e estupendo, capaz de nos arrancar interjeições de pasmo.

Muito obrigado!

Notas

¹ O texto que se segue foram as breves palavras de boas vindas proferidas, enquanto representante da FLUP, na iniciativa *Celebrar Camilo Castelo Branco: convite às novas gerações* do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

² Alexandre Dumas nasceu, realmente, em 1802.